Mairyru Kaiabi

FORMAÇÃO EM GESTÃO TERRITORIAL E SERVIÇOS SOCIOAMBIENTAIS NO XINGU

21

BAIXO

História do homem que foi buscar desenho das peneiras na casa da cobra

Introdução

Entrevistei o senhor Kawintai Kaiabi no dia 04 de julho de 2014, na aldeia Aiporé. Kawintai Kaiabi falou sobre os desenhos das peneiras kawaiwete.

Então escutei a história da origem dos desenhos das peneiras Kaiabi. Mas para contar na escrita, preferi apresentar aquela história que já estava documentada no livro das Peneiras Kaiabi. Assim podemos retomar e lembrar do livro do Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI) Kaiabi. Esse PDPI chamou-se Projeto Kaiabi Araa – "Resgate Cultural da Cestaria e da Tecelagem Kaiabi no Parque Indígena do Xingu – MT e Terra Indígena Kayabi – PA, aldeia Kururuzinho", coordenado pelo Professor Aturi Kaiabi, cacique da Aldeia Tuiararé, entre 2004 e 2006. Com apoio da ATIX, o PDPI fez mais atividades nas aldeias Kururuzinho (Pará) e Tuiararé (Parque do Xingu), produzindo esse livro, que tem registros sobre cestaria feitos durante oficinas, pesquisas dos professores Kaiabi, fotografias tiradas em várias aldeias e também registradas em museus etnográficos do Brasil e do exterior, nesse tempo do projeto.

A escrita da história ajuda a valorizar nossos conhecimentos. Mas mais importante ainda é que conhecedores sempre continuem a contar histórias e a praticar os trançados, seu conhecimento e suas criações.

Um certo dia, muitas pessoas saíram do rio Peixoto de Azevedo para outros lugares, procurar os inimigos para guerrear. Durante a viagem no mato, as pessoas foram morrendo, porque em outros lugares dos matos existiam muitos bichos bravos: muriçoca (moriçocão), cobra (cobra-facão) e outros. Primeiro o pessoal foi atacado pelo muriçocão; no outro acampamento, pelo cobra-facão e então, sobrou só uma pessoa. Essa pessoa era um homem muito sábio e prevenido. Onde ele dormia, ele fazia uma cerca com muitas varas para se proteger dos bicho bravos.

Quando o pessoal dele acabou, ele ficou sozinho caminhando no mato. Ele ficou tanto tempo no mato, que a mulher dele já tinha se casado com outro homem. Ele tinha dois filhos com ela, todos cresceram e casaram, porque o primeiro marido ficou muitos anos no mato. Esse homem continuou caminhando sozinho até que chegou no rio das canas bravas, que é o rio Xingu, porque só neste rio existe muita cana-brava, até hoje.

Quando chegou neste riozão, ele começou a procurar transporte para atravessar para o outro lado do rio; ele começou a andar na beira do rio até chegar no Jáo. Era bem de tardezinha e ele falou para a Jáo:

– Oi vovô, como é que você está, tudo bem?

– Oi meu sobrinho, comigo está tudo bem. E com você, tudo bem com você?

– Tudo bem comigo, vovô.

Às oito horas horas da noite, ele falou para a Jáo:

– Vovô, eu vou deitar com você, tá?

– Não, sobrinho; minha rede é muito pequena e a corda da rede também é muito fina; senão, vai arrebentar para nós.

– É que eu fiquei muitos anos no mato sem deitar numa rede, por isso eu quero deitar com você, vovô.

– Não sobrinho, deita aí na beira do fogo para esquentar seu corpo, tá sobrinho?

– Não vovô, lá vou eu deitar!

Essa pessoa tentou, tentou, mais a Jáo negou, negou… até que ele foi para perto da Jáo e começou a deitar com ele. Quando ele deitou, a rede arrebentou, ele caiu no chão e a Jáo voou com tudo: com fogo, rede e a casinha! Levou tudo. Atravessou para o outro lado do rio e lá ficou, assobiando para ele de novo.

Mas ele não foi lá, estava muito escuro e esse homem acabou amanhecendo ali mesmo. Quando foi bem cedo, ele começou a gritar. Ele gritou, gritou, até que veio um urubu, sentou perto dele e falou assim:

– O que você quer?

– Eu estou procurando alguém para me atravessar para o outro lado do rio.

– Ah! Eu levo você, tá?

– É? Então, leva esse pau seco em cima de você primeiro, e vai pousar naquele barranco limpo, tá?

O urubu voou com o pau seco e pousou onde ele pediu, no barranco limpo do outro lado do rio. E ele ficou olhando para o urubu. O vôo do urubu era muito doido, e o urubu voltou de novo com o pau seco, sentou perto dele e falou:

– E aí, você vem comigo?

– Não, eu não vou com você não, o seu vôo é muito doido! E o urubu foi embora.

Então ele gritou de novo, gritou, gritou, até que veio o mutum, sentou perto dele e falou assim:

– Oi, o que você quer?

– Eu estou gritando para vocês me atravessarem para o outro lado do rio.

– Ah! Eu levo você para outro lado do rio, tá bom?

– Então você vai primeiro e leva esse pau seco em cima de você, naquele barranco limpo, tá? Quero ver seu vôo!

– Tá bom.

Ele ficou olhando o mutum, mas o vôo dele era muito doido. O mutum foi sentar no barranco e voltou onde ele estava.

– E aí, você vem comigo?

– Eu não vou com você, seu vôo é muito doido. Ele não foi e o mutum foi embora. Depois disso, ele gritou de novo, gritou, gritou.

Então veio o camarão enorme, boiou perto e ele pediu pra ir com ele: – Aqui está minha canoa! Mas o homem ficou com medo de ir e não foi. O camarão foi embora.

Ele continuou gritando, gritou, gritou.

Aí o jacaré borbulhou a água. Junto com o borbulho, um jacaré muito grande boiou e respondeu assim:

– O que foi, meu amigo?

– Eu estou procurando uma pessoa para me atravessar para o outro lado do rio.

– Muito bem, pode vir que eu vou levar você, tá bom?

Então vai sozinho primeiro, eu vou colocar pau seco em cima de você, tá?

– Tá bom.

E ele pediu para o jacaré, primeiro, levar um pau seco nas costas para o outro lado do rio. E pediu para ele ir naquele barranco limpo. Ficou olhando o jacaré chegar lá do outro do rio e voltar, com pau seco nas costas, de novo onde ele estava.

O jacaré falou para ele:

– Poder vir, eu vou atravessar com você tranquilo.

– Tá bom, eu vou sim. Ele foi e sentou em cima do jacaré. O que ele tinha, colocou em cima dele, e ficou segurando as flechas. Então o jacaré perguntou:

– E aí? Você já sentou?

– Sim. Você pode ir.

O jacaré começou a nadar com ele e, bem no meio do rio, o jacaré falou para ele assim:

– Oi meu amigo, quero que você me xingue, pode falar do meu olho, do meu corpo, tá?

– Olha, eu não vou xingar o senhor, você é gente boa!

O jacaré ouviu o que ele falou, andou com ele de novo e repetiu:

– Oi meu amigo, quero que você me xingue, tá?

– Oi, gente boa! Eu não vou xingar você, tá? Por que eu vou falar mal de gente boa?

– Não! Pode me xingar, pode falar do meu nariz, do meu rabo feio, pode falar do meu olho, pode falar do meu corpo feio, tá?

– Não! Eu agrado você. Você é gente legal, só você que está me salvando, me atravessando para outro lado do rio, então eu não posso falar mau de gente boa.

Então o jacaré andou com ele até na beira, no barranco em que ele pediu para levar ele. Chegando lá ele pulou no galho da árvore, e dali começou a xingar o jacaré. Começou a xingar de tudo o que o jacaré tinha pedido para xingar!

O jacaré ficou ouvindo. Quando ele acabou de falar, o jacaré ficou bravo, com muita raiva. Foi embora de tanta raiva. Por isso que o jacaré está sempre batendo água, querendo comer alma dele.

Aí, pronto, aquele homem atravessou para outro lado do rio. Ficou mais tranquilo e contente, só caminhando no mato. Quando foi escurecendo, ele fez o primeiro acampamento, perto do cupinzeiro. Quando foi sete horas da noite, ele começou a deitar. Então o cupinzeiro começou a falar perto dele; deu medo nele. O cupinzeiro ficou falando até amanhecer o dia. Bem cedo ele olhou e viu que era só um cupinzeiro.

Depois ele caminhou de novo, até escurecer, quando fez o segundo acampamento e deitou de novo. Quando deu oito horas da noite, o cará começou a falar de novo perto dele, e ele ficou ouvindo até amanhecer o dia. Bem cedo ele foi lá e viu que era só um cará. Ele tirou bastante cará, fez cesto para colocar, e continuou a caminhada. Quando escureceu novamente, ele fez acampamento de novo e deitou. Oito horas da noite, a taquara começou a falar de novo até amanhecer o dia.

Bem cedo, ele foi lá olhar e só viu taquara, então ele cortou dois metros de taquara e começou a caminhar de novo, até escurecer, quando ele fez novamente acampamento e deitou.

Às sete horas da noite a madeira começou a falar de novo perto dele, essa madeira que se chama Araity na língua kaiabi. Araity ficou falando até amanhecer o dia. Bem cedo ele foi lá e viu que era só cera, cera que os povos Kaiabi usam para colar flecha. Ele tirou cera e caminhou de novo ate escurecer. Fez novamente acampamento e viu um carrapato grande, que ele pegou e colocou como barraco dele e deitou embaixo por causa da chuva, porque era início da chuva.

À meia noite chegou o sapão… ele ficou olhando para o sapão que virou para o rumo da aldeia dele e falou nome do rio onde ele mora. O homem começou a perguntar mais coisas para o sapão, mas ele não respondeu mais. De madrugada, o sapão se afastou dele e ele ficou sozinho até amanhecer o dia.

Bem cedo ele partiu no rumo que o sapão falou, que foi como GPS dele. Assim ele caminhou até chegar numa aldeia, que era a aldeia da cobra. Antes de chegar na casa, ele deixou todas as coisas que ele levava, lá no caminho onde ele ia passar, e foi sozinho. Entrou numa casa grande. Quando foi no meio da casa, a cobra fechou as duas portas. Tinha muitas cobras grandes lá. Ele ficou no meio da casa … de onde ele tinha visto os desenhos das peneiras que ele ia pegar.

Então a cobra fez várias perguntas para ele, de todos bichos, e o homem falou todos os nomes dos bichos para a cobra, até escurecer o dia. Mas a cobra falava que comia todos os bichos.

De noite, apareceram muitos bichos e ele começou a falar o nome de cada bicho que anda de noite, como anta, veado, cutia, paca e outros… para que viessem salvar ele da cobra.

Quando amanheceu, às oito horas da manhã, o povoto (gavião) cantou e ele falou assim para cobra:

– Esse gavião veio me salvar!

Mas a cobra não ficou com medo. Quando makawã (acauã) cantou, aí sim a cobra se afastou imediatamente da porta. Esse homem correu e foi pegar um pedaço de peneira desenhada da casa da cobra jararaca, que ele levou, chegando na aldeia dele com essa peneira desenhada. Quando chegou de volta na aldeia dele, deu essa taquara para o homem que tinha se casado com a esposa dele. Na hora que a esposa dele o viu, largou do segundo marido com quem tinha casado, e foi ficar com o primeiro de novo. Esse homem (que tinha casado com a esposa dele) ficou xingando ele com a flauta, mas o dono da mulher não sentiu nada. Ele só falou para o segundo, que quem não anda é assim mesmo, fica engordando dentro da casa.

Foi assim que o povo Kaiabi descobriu os desenhos das peneiras, que até hoje fazem. Além disso, esse homem descobriu a cana brava que é usada para fazer flecha, a cera para colar flecha e a taquara para ponta da flecha. Assim termina essa história...

URUYP

Uruyp wete é uma planta original para fazer peneiras, que não existe aqui no Xingu, somente existe na região do Pará. Todos conhecem o Uruyp, até os meninos. Uruyp kuruk é uma planta aqui do Xingu, que gosta do tipo de mato chamado de Yataran.

Existem três tipos de Uruyp:

- **Uruyp kuruk**
- **Uruyp wete**
- **Uruyp wuu**

Aqui no Xingu só existe um tipo, que é Uruyp kuruk.

As peneiras que são feitas pelo homem servem para fazer farinha, mingau, para guardar objetos da casa, para fuso de algodão e para enfeitar a casa.

Segue os nomes dos desenhos da peneiras kaiabi:

1. **Kuasiaruu**, significa desenho grande.

2. **Taagafua**, significa desenho de pessoa com braço abertos.

3. **Ta'agap jopep**, significa desenhos de pessoas como gêmeas.

4. **Taangap jakunaap**, significa desenhos de pessoa de braços abertos em forma de cruz.

5. **Ipiren** e ou **Iarukang**, significa caminho ou costela, ou osso da parte de baixo do cesto.

6. **Kuassiarapat**, significa desenho de braço aberto (cesto panaku).

7. **Araa, taagafua tayt taagawoku taagap tayt**: desenho de pessoas com filhos e braços abertos.

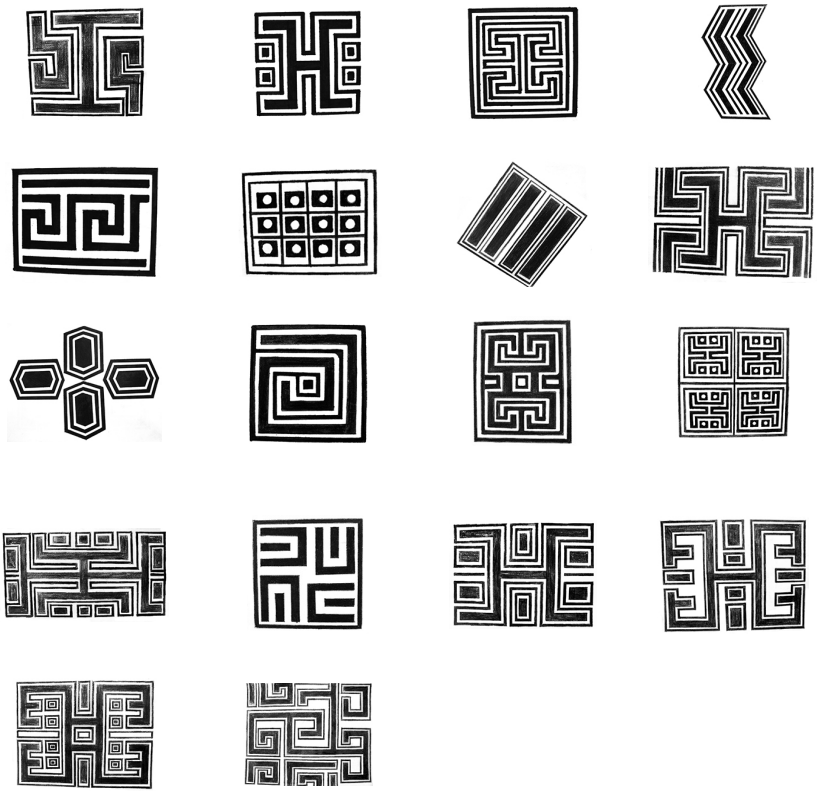
8. **Iarukang e ipiren**: caminho ou costela.

9. **Taagaua tayt, jywa pekangerowak**: desenho de pessoa com braço e garras ou dedos dobrados.

10. **Araa, taagap jopep, taagap tayt**: desenho de pessoa.

11. **Awarapypot**: pegada de raposa – variação, padrão de desenho aberto.

12. **Kuasiaruu, kusiarapat**: desenho grande, braços grandes.



ISA
Instituto Socioambiental